

À Biblioteca Pública de
Braga

1
JANEIRO
1972

SEMANÁRIO DE CRÍTICA E ACTUALIDADES

EDITOR: PAULO BARBOSA DE MACEDO

DIRECTOR: António Narciso Gonçalves Macedo

PROPRIEDADE: IRMÃOS BARBOSA DE MACEDO

COMPOSIÇÃO, IMPRESSÃO E REDACÇÃO: LARGO DO DOUTOR OLIVEIRA SALAZAR-TELEF. 62113 - AMARES

INCONGRUÊNCIAS DA O.N.U. ANIVERSÁRIO

Por Silva Faria

A gente lê e não acredita. Os diários publicaram há dias, a propósito da explosiva situação do Próximo Oriente, um telegrama da «Reuter», datado de Nova Iorque e referente a uma moção da Assembleia-Geral da caótica ONU, de que destacamos este bocadinho de ouro que merece sarcástico reparo:

«A resolução reafirmava que a aquisição de territórios pela força era inadmissível e notava que consequentemente, territórios assim ocupados devem ser restituídos.»

Nem sequer alteramos uma vírgula. Pois a gente lê e não acredita.

O despudor, o cinismo do aerópago internacional, criado num momento fantasioso para obviar às injustiças entre países desavindos e para impedir as ambições dos Estados imperialistas, ao resolver daquele modo mais uma vez deu provas cabais e incontestáveis das deformações morais que sempre têm presidido às suas votações

de maioria.

Evoque-se o caso da Índia Portuguesa há dez anos usurpada pela considerável força de canhões da «pacífica» Índia de Nehru oposta a uma diminuta guarnição militar da bandeira verde-rubra, a qual, por insuficiência de meios de defesa — porque não somos um país de agressores — nada pode fazer para defender e conservar o património deixado pelos seus heróicos avoengos.

A União Indiana, apregoando aos ventos um hipócrita pacifismo, bem diferente da realidade, não teve pejo de nos atacar, de massacrar alguns milhares de vidas inocentes e de oprimir, posteriormente, uma população que só desejava (e deseja) viver em paz e progresso no quadrante lusitano em que fora criada desde séculos, recebendo de nós um nível de educação, de espiritualidade, de sentimentalidade, de civilização, enfim, que a nossa formação pátria, os nossos costumes sábia-

mente morais souberam incutir-lhe.

Tal e qual acaba de acontecer com a parcela territorial do Paquistão Oriental. Sòmente que, agora, algumas vozes poderosas, aliás inúteis, se ergueram no ridículo cenáculo de Nova Iorque em débeis, teóricos protestos contra a agressão indiana, enquanto há dez anos estivemos sòzinhos, ou quase sòzinhos. Nem mesmo a nossa velha e «amiga» aliada inglesa condenou o revoltante feito indiano de então.

Fatores misteriosos da cada vez mais tortuosa política onusinal!

Por trás da «pacata» União Indiana, e das populações a morrer de fome pelas ruas das grandes cidades, em contraste com a boa alimentação das vaquinhas sagradas para veneração das divindades hindus, está uma potência dura, de tentáculos lançados sobre o Mundo e que

(Continua na 4.ª página)

Todos fazemos anos. Todos! Curiosamente, há dias, o nosso ilustre Colega, Torquato da Luz, apresentou no «Jornal do Comércio» uma reportagem sobre os avieiros. Avieiros é um termo próprio que os homens do rio — e não do mar — engendraram há muitíssimos anos. Ora, na nossa pouquíssima douta opinião — nós que não somos filólofos, nem coisa que se pareça, entendemos vir o termo de aviarem a freguesia que não é, mais nem menos, que gente humilde, de poucas posses e então se serviam dos pescadores da beira-rio para comprarem mixilhões, barbos, escuro, etc., etc., que só se dão no lôdo dos rios. E é mesmo ali, nos seus barcos, pequenos, que os avieiros vivem, sob um toldo entre dois aguçados e fortes paus De Inverno e de Verão. Hoje, — segundo a reportagem que tivemos prazer de ler (e este prazer vem apenas do maravilhoso texto) — já há avieiros que foram construindo

as suas modestíssimas casinhas e não vivem nos bacos. Mas há os persistentes, os velhinhos, que não sabem nem querem modificar a sua maneira de viver.

E, então, diz Alpedrinha com o seu extraordinário talento. Um avieiro disse-me não haver ali, à beira-rio, Natal, pois o bacalhau, caro como sempre esteve para a sua Economia, não é admitido, ao menos naquela noite. Para nós — dizia o avieiro — há o Natal de toda a gente: «parece que tudo faz anos».

Estas palavras são transcritas da excelente reportagem: «Tudo faz anos neste dia de Natal — a maior definição do Natal que, sem querer, o avieiro me transmitiu para toda a vida».

Para que se festeje o aniversário da nossa «Tribuna Livre», tão livre que perdura há dezassete anos, há necessidade de pensarmos que «todos fazemos anos».

E foi há dezassete que começamos a escrever, salvo erro, no n.º 3 da «Tribuna», com um artigo sobre a Grace Kelly, hoje princesa de Mônaco, ainda em andanças amorosas com o príncipe Rainier. Recordamo-nos do «fundo» desse número, que falava na epopeia de Esperança do Jornal — do nosso Jornal.

Por isso o aniversário nem só lhe pertence. Pertence a todos nós, sem vaidade, heróis dessa epopeia que já decorre há dezassete anos.

Neste aniversário, pois, todos fazemos anos!

MILITÃO PORTO

É PROIBIDO O MAU HUMOR

«Servir bem não faz mal a ninguém» — afirma o português Carlos Alberto Loureiro, motorista de «taxi» no Rio de Janeiro, em cujo automóvel se encontra sempre o que é preciso, desde rebuçados e chocolates para os meninos até comprimidos para qualquer cliente com dores de cabeça.

É ele mesmo quem conta
(Continua na 4.ª página)

Mini-Gazeta

Eu sou contra as «Boas-Festas»,
Por princípio e por razão,
E, neste diapasão,
Não devia (pois então!...)»
Faze-las aqui, tão lestes.

Porém, a rapaziada
Que alinhava este Jornal,
Lá veio, pelo Natal,
Dizer que sim... e que tal...
— Mas não deu a consoada...

Ora bolas! Deste jeito,
Não fico muito agravaado,
Mas senti-me magoado,
Por não ver nenhum trocado,
Fosse ou não fosse a preceito.

Vai, pois para a Direcção
E p'ros rapazes do Gráfico,
Um voto quase seráfico
Dum ano, em fartura, básico
Com um «xi» do coração!

DAVUS

Este jogo dos partidos políticos...

Aqueles que porventura ainda julgam que um país não progride nem pode pretender incluir-se no conjunto formado pelas chamadas «democracias ocidentais» sem possuir, bem lubrificadas e bem rodadas, aí pelo menos uma boa meia dúzia de partidos políticos, quero recomendar que aproveitem o Natal para uma viagem até à Bélgica, onde, por sinal, é esta precisamente a altura de saborear o melhor dos pratos da culinária nacional — o fabuloso «waterzoi».

Aqui temos nós um país que há muito emergiu das trevas do subdesenvolvimento, industrializado, rico — e, por outro lado, com sólidas e bem antigas tradições de liberdade e de civismo. E um país em que os seus dois grandes partidos políticos — o cristão-social e o socia-

lista — governavam em bom entendimento, apoiados por um outro partido, o liberal, pequeno, oposicionista de rótulo, mas que lhes assegurava (com o seu modesto grupinho de 47 parlamentares) a necessária maioria na Câmara dos Deputados, em questões consideradas fundamentais.

Em 7 de Novembro realizaram-se, porém, as eleições legislativas em toda a Bélgica e em 21 do mesmo mês as eleições municipais de Bruxelas.

Quer o partido social-cristão (católico) quer o partido socialista (socialista, mas não revolucionário) mantiveram mais ou menos as posições anteriores. Reunidos, dispõem de 128 dos 212 membros da Câmara dos Deputados — o que significa que
(Continua na 4.ª página)

SAVIMBI E A SUA UNITA

Tudo começou, por assim dizer, há cerca de cinco anos. Foi, precisamente, na noite de Natal, em Teixeira de Sousa. Uma multidão, desenfreada e cega, surge da mata, dos lados da fronteira, tentando avançar pelas ruas da vila. Apesar da surpresa, a população, auxiliada por uma pequena força de segurança, consegue barrar o caminho ao assaltante, obrigando-o a debandar com pesadas baixas.

Depois, no Leste de Angola, tem sido esta nossa luta, de todas as horas, ao encontro do inimigo, sustendo, ao longo de uma frente imensa, a infiltração de elementos agitadores que visam os povos espalhados pelos «quimbos» isolados, como pontos perdidos na enormidade do território.

Com a ocorrência de Teixeira de Sousa, com a abertura de uma nova ofensiva de subversão, ouviu-se falar, pela primeira vez, na chamada UNITA, ou «União Nacional para a Independência Total de Angola». E ainda, no seu organismo actuante, a FALA, ou «Força Armada da Libertação de Angola». Seria, dizia-se, então, um grupo dissidente da UPA. Efectivamente, como «líder» da UNITA, aparecia um natural de terras boas, Jonas Savimbi, agitador nato.

Damos conta da sua existência quando da reunião em Kinsasa (ao tempo, ainda, Leopoldville) em fins de Dezembro de 1962, da sexta conferência do

«Movimento Pan-Africano de Liberdade para a África Oriental, Central e Meridional», ou PAFMECSA. Savimbi tomou parte nessa reunião como representante da UPA, ou, mais exactamente do chamado «Governo Revolucionário de Angola no Exílio» (GRAE).

Mais tarde, porém, Jonas Savimbi «desempregou-se» do GRAE, passando a ser agitador por conta própria e em outras bandas. Com ele, naturalmente, terão ido os seus mais directos colaboradores, que ainda hoje lá o vão seguindo, apesar de todos os reveses que tem sofrido, ao longo destes anos de malogros estrondosos. Mas ao passo que o MPLA, ou «Movimento Popular para a Libertação de Angola», facilmente encontrou para os seus grupos santuários seguros em território da República da Zâmbia, o mesmo não aconteceu com a UNITA fundada por Savimbi. Daí uma acentuada hostilidade entre os dois movimentos. E tanto que talvez não seja exaerico dizer-se que nas fileiras da UNITA a palavra de ordem é, primeiro do que tudo, não dar tréguas aos do MPLA, e só depois o resto...

Savimbi viu, assim, a dada altura, os seus homens não só perseguidos e eliminados por ordem de Agostinho Neto, Líder do MPLA, como também pela polícia de Kenneth Kaunda, Chefe do Estado zambiano. Procurou responder a este

último ao mesmo nível, ordenando sabotagens a composições ferroviárias com destino àquele país. Nem assim, porém, Kaunda mudou de atitude. Pelo contrário: as medidas repressivas apertaram-se ainda mais. Vendo que a mal não levaria a melhor, Savimbi empregou outra tática, a da «boa-vontade». O ensejo surge com a falta de milho na Zâmbia, devido às secas, que afectaram o território da antiga Rodésia do Norte. Savimbi espalhou então aos quatro-ventos que «irá em socorro da Zâmbia». E traça um plano. Põe os seus bandoleiros, de quimbo, de «samzala», a roubar à população todo o milho que pode. Os que protestavam contra o saque eram, está bom de ver, pura e simplesmente agredidos e espancados. Depois, organizando a coberto da noite, caravanas, leva o produto do roubo, oferecendo-o, de mão beijada, às autoridades zambianas.

Aconteceu, porém, o que Savimbi não previra: tudo chegou impróprio para consumo ao seu destino, devido às intempéries sofridas ao longo da caminhada.

E enquanto o dirigente da UNITA «deitava foguetes antes do tempo», fazendo constar que prestara um valioso auxílio ao Governo de Lusaca, todo o apodrecido carregamento, produto dos saques dos seus guerrilheiros, era inutilizado

pelas autoridades zambianas.

O resultado foi tornar-se ainda mais funda a barreira entre Savimbi e o Presidente Kuanda. Pouco a pouco, o dirigente da UNITA foi perdendo todas as ilusões que tinha quanto à possibilidade de suplantar o MPLA e de contar com o apoio da Zâmbia.

Actualmente, os homens da UNITA o que procuram, sobretudo, é assaltar os seus rivais do MPLA, para se apoderarem das suas armas. O que não quer dizer, evidentemente que de vez em quando não caiam sobre populações indefesas de Angola — mas só quando têm a certeza de que o risco é mínimo.

TRIBUNA LIVRE

A Redacção deste «Semanário» pede a todos os ilustres colaboradores o favor de enviarem as suas notícias e artigos até à quarta-feira.

A Redacção

Telefones dos Bombeiros V. de Amares
62162

VENDE-SE em Paredes Secas

Eido e casa, no lugar Novo, com estrada pelo meio e àgua.

informa — A Família Leite

Lugar da Quintão Paredes Secas

Telefones para serviços

DE URGÊNCIA

Hospital da Misericórdia	62174
Casa de Saúde de Amares	62122
Farmácia Pinheiro Manso	62127
Guarda Nacional Republicana	62115
Farmácia Marques Rêgo	62121
Doutor Eduardo Gonçalves (Médico)	62145

CALAFRICO

(Continuado do número anterior)

as minhas pisadas uma por uma. Depois notei que saíra da sala para vir ao meu encontro e que eu bem breve a iria ver. Deixei-me estar, e enquanto esperava, muitas coisas me ocorreram ao espírito. Uma houve, porém, a que não quero deixar de me referir. A mim mesmo me perguntava por que razão se teria ela assustado.

CAPÍTULO V

OH, ela deixou-me aperceber, logo que assomou outra vez diante de mim, à esquina da casa.

«Santo Nome de Deus, que aconteceu...?»

Estava afogueada e com a respiração opressa. Não disse nada antes de ela se aproximar.

«Comigo?» Devo ter feito uma cara extraordinária. «E' de mim que está a falar?»

—Está branca como uma folha de papel. Que medonho aspecto!

Considerarei; não me era difícil ver nisto, sem escrúpulo, uma certa inocência. A minha necessidade de respeitar a candidez de Mrs. Grose saíra-me dos ombros sem ruído e, se hesitei por momentos, não foi por causa de qualquer vestígio dessa necessidade que ainda em mim existisse. Estendi-lhe a mão, que ela apertou; contive a sua entre a minha com força durante um bocadinho, como para a sentir bem junto a mim. Havia uma espécie de alívio no suspiro receoso com que manifestara a sua surpresa.

«Naturalmente vem buscar-me para ir à igreja, mas eu não posso acompanhá-la.

—Aconteceu alguma coisa?

—Aconteceu. É quero que o saiba já. Tinha um aspecto muito estranho?

—Através da vidraça? Horrível!

—É que... disse eu, tive um susto.

Os olhos de Mrs. Grose diziam com toda a sinceridade que ela, por si, não tinha empenho nenhum em se assustar, embora

também soubesse perfeitamente que o seu lugar não era próprio para compartilhar comigo nenhuma inconveniência de gravidade. Oh, estava assente que deveria partilhá-la!

«O que a senhora viu através da sala de jantar há momentos foi precisamente o efeito desse susto. Simplesmente, aquilo que eu vi — há pouco — era muito pior do que aquilo que a senhora viu».

Apertou a mão.

«Que foi?»

—Vi um homem fantástico, a olhar lá para dentro.

—Que homem fantástico?

—Não faço a mínima ideia.»

Mrs. Grose olhou em balde à nossa roda.

«Para onde foi êle então?»

—Ainda menos sei.

—Alguma vez o tinha visto antes?

—Sim... uma vez. Na torre velha.»

Limitou-se a olhar para mim com mais intensidade.

«Quere dizer que era um estranho?»

—No entanto, nada me disse?

—Não... por várias razões. Mas, agora, visto que o adivinhou...»

Os redondos olhos de Mrs. Grose carregaram-se.

«Ah, não adivinhei coisa alguma!» disse ela simplesmente. Como podia eu adivinhar, se a Miss não faz a mais pequena ideia?

—A mais pequena ideia.

—Não o viu em qualquer outra parte, sem ser a torre?

—Na torre e neste momento aqui.»

Mrs. Grose voltou a olhar em volta de nós.

«Que fazia êle na torre?»

—Nada. Estava ali parado a olhar, cá para baixo para mim.»

Refletiu um momento.

«Era um cavalheiro?»

Pareceu-me que não tinha modos para pensar que o fôsse.

«Não». Ela olhou-me, muito admirada. «Não.

—Então, não era ninguém da casa? Não seria alguém da aldeia?

—Ninguém... ninguém. Não lho disse, mas tinha a certeza.»

Mrs. Grose teve um suspiro de alívio. Isto era, um tanto melhor. Apenas adiantava muito pouco.

«Mas se ele não era um cavalheiro?...

—Quem seria? Uma coisa horrível!

(Continua no próximo número)

TRIBUNA do CONCELHO

Notícias do Concelho

O novo Secretário Geral da O.N.U. que toma posse do cargo no próximo mês de Janeiro vai substituir Uthant que se celebrizou pela forma parcial como resolveu tantas queixas apresentadas pelos Afro-Asiáticos contra Portugal. Não estaria só na sua mão a solução de muitos problemas mas poderia ter corrido para que mais Justiça fosse feita. As Nações Unidas, das quais Portugal ainda faz parte, só intervêm em questões perdidas em vez de evitar conflitos armados a que o Mundo assiste revoltado contra a impotência ou desprezo pelos direitos dos povos oprimidos pelas potências que pretendem a conquista ideológica e mercados para os seus produtos. Não pensa do mesmo modo o novo Secretário Geral que está com vontade de pôr termo ao descrédito da Instituição e consegue meios de salvar compromissos que ascendem a 65 milhões de contos. O ano de 1972 abrirá, pelo visto, uma clareira às nuvens espessas que toldam alguns chefes políticos que deixaram ruínas e cadáveres, sem resolver os problemas que agora terão de ser discutidos sem soldados nas trincheiras e aviões a bombardear povoações matando muita gente que é capaz de não saber porque é que morrem quando as bombas explodiam. E se esta ideia do novo secretário da O.N.U. não for posta em prática, se força maior não se opuser à força dos canhões dos paizes que o podem fazer e que o tem feito sem sofrer as merecidas sanções, o mapa do Mundo ficará em número de nações livres, reduzido ou apagado. A integridade dos territórios ultramarinos portugueses tem custado muito dinheiro e a perda de algumas vidas e quando virmos que em Nova York apareceu a luz da Justiça que nos será distribuída, poderemos dizer que o Mundo não está perdido porque os assaltantes foram detidos e os direitos humanos passaram a ser respeitados.

TOPOGRAFIA AMARENSE

Rico de louçainhas o berço de Gualdim Pais. Agreste apesar de ameno e variado por onde quer que o consideremos, nos seduz e extasia. Em Entre Postes, onde melhor se vê a razão do nome antigo da Comarca de Entre Homem e Cávado, os terrenos, férteis e verdejantes, são planos como de aluvião.

Seguindo a estrada do Gerês, marginal de veigas e montanhas, atravessamos a fre-

guesia de Lago, de nome talvez indicador de outros acidentes geográficos nos velhos tempos da Pré-História, deixamos Rendufe para traz, ombreamos com e Igreja de Carracedo onde esperam ressurreição da carne os restos mortais do Poeta do Neiva, podemos ver à direita a torre do Castro, outrora pousada de Infantes que se dignavam visitar poetas de viver simples, e saímos no vasto terreno da Feira Nova. É bom nos apeemos para uma visita às ruínas de Santa Luzia, solar venerando dos vasconcelos, e se o tempo se compadece, não se darão por mal empregados os suorres da ascensão ao monte granítico da Santinha donde o variegado do panorama e a policromia de tons corre parrelhas com o sossego virgiliano dos ubérrimos nateiros dali avistados.

E agora o povoado de Amares, pequeno no agrupamento urbanístico, mas grandioso nas evocações históricas. Já com o nome hodierno em 1059 documenta a sua existência num tempo em que Portugal não soltara ainda os vagidos infantes, lá se vê, à margem da estrada, o monumento que as freguesias do concelho erigiram à memória do Glorioso mestre da Ordem dos Templários.

(Continua no próximo número)

Elísio Gonçalves

De visita

Na nossa Redação e de visita à família esteve o sr. Agostinho Egídio Pereira Veloso, residente em Lisboa.

Do Canadá

Chegada do Canadá encontra-se entre os seus a sra. Maria Veloso Pinheiro, natural do Bico-Amares.

Seu filho António Augusto Pinheiro, em França, deseja-lhe muitas felicidades.

* * *

Também cá esteve uns dias o sr. Camilo Machado e esposa, que do Canadá vieram às suas terras matar saudades.

Folgamos imenso vê-los bem e com saúde.

Visado pela Censura

Vida elegante

Aniversários

Fazem anos:

Hoje o sr. José dos Santos Meneses.

No próximo dia 3 o sr. Rosalino Meneses.

No dia 5 a menina Isabel Maria, filha do nosso assinante sr. Abílio Rodrigues Pereira e a menina Natália Lourenço.

No dia 6 o sr. José Joaquim da Costa Azevedo.

«Tribuna Livre» deseja a todos os aniversariantes muitas felicidades e faz votos de longa vida.

* * *

No passado dia 25 festejou mais um aniversário natalício, o jovem Armindo Cerqueira Machado, natural de Barreiros.

Por tão alegre data sua família, bem como um grupo de amigos, desejam que esta data se repita por infindáveis anos. Parabéns

* * *

Encontrando-se em Angola em missão de soberania, «A RIVAL» de Ernesto Vieira deseja ao soldado Domin-



gos Macedo de Sousa que tivesse um Natal feliz e que tenha um ANO NOVO próspero.

«A RIVAL»

Feira Nova - Amares

Deseja a todos os seus clientes e amigos um ANO NOVO cheio de prosperidades.

Leia,

Propague e assine

«Tribuna Livre»



Mensagem do Soldado João Manuel Pereira Fernandes

Encontrando-se em Angola em defesa da pátria o Sold. João Manuel Pereira Fernandes, natural de Goães, Amares, deseja a todos os seus familiares, amigos e madrinha de guerra Boas Festas e um Ano Novo cheio de prosperidades.

À sua falecida avó, deseja o eterno descanso no reino do Senhor e compartilha com toda a família e amigos a dor da sua perda.

Várias Notícias

VILELA

No lugar de Ninarelho faleceu a Senhora D. Rosa Azevedo Esteves da Silva, senhora de excelsas virtudes e amiga dos pobres. A sua morte foi muito sentida.

GOÃES

Precedida de novena é amanhã que se realiza a festa a S. Sebastião em Goães.

* * *

No passado dia 24 realizou-se o casamento da prenodada menina Maria Lurdes Carvalho Ferreira com o sr. António Fernandes da Silva.

Paredes Secas

No passado dia 23 faleceu o sr. Adelino Fernandes, da Casa Pimenta.

S. Paio Seramil

Faz-se sentir a falta de um fontenário público, vendendo os habitantes do lugar sujeitos a colher água para consumo no Ribeiro de Santa Cruz.

Feira Nova

Decorreram animadíssimas as festas a Sta. Luzia no Lugar de Vasconcelos.

De manhã houve a procissão da Igreja Matriz para a Capelinha seguida de Sermão. De tarde houve grandioso bazar de prendas.

FILINTO

«A RIVAL» — CASA DE PASTO

DE

ERNESTO VIEIRA

Telefone 62247

Especialidade em:

Frango assado — Papas de sarrabulho e Cabrito assado

(Rancho às segundas-feiras)

Todos os dias refeições económicas

Esmerado serviço em:

Casamentos e Baptizados, servido c/ os melhores vinhos da Região.

Para bem servir, só «A RIVAL»

Rua Marques Rego

F. Nova — Amares

Incongruências da ONU

(Continuado da 1.ª página)

nada faz recuar—nem moral, nem direitos, nem sensibilidade humana — para a consecução dos seus fins de domínio mundial: a Rússia Soviética.

Lembremos a recente invasão da Checoslováquia e anteriormente a «pacificação» das populações polaca e outras que tentaram libertar-se, sem êxito, claro, da protecção vermelha, mas tiveram de curvar-se ante a força bruta dos tanques mastodónticos que os metralharam impiedosamente. E continuam esmagados na sua legítima ânsia de liberdade.

Para que serve, então, a ONU, que em vez de unificar, de apaziguar, de resolver questões entre nações malquistadas, pelo contrário só contribui para um maior descalabro, para aumentar as constantes inquietações que a Humanidade atravessa. pa-

ra as consecutivas dissidências e guerras, parciais, é certo, mas que não deixam de provocar horrorosas mortandades?

Esta inútil, desacreditada e desorganizada Organização mundial (em quem já ninguém acredita) faz lembrar os últimos tempos da extinta Sociedade das Nações, tão gritantemente improdutiva também. E naturalmente a opinião pública com uma acentuadamente a mostrar-se céptica — e com evidente razão — quanto à eficácia da imprestável companhia de tenores e de «gourmets» do Palácio de vidro de Nova Iorque.

E revolta-se contra as fabulosas somas ali gastas, dinheiro que bem poderia ser muito mais útil e proveitoso para os povos se aplicados em outras obras de diferente e benéfico teor.

Silva Faria

Este jogo dos partidos políticos...

(Continuado da 1.ª página)

mais de 50 por cento do eleitoral votou com os cristãos-sociais ou com os socialistas. Mas como, no Parlamento, determinadas questões exigem a maioria de dois terços, um Governo constituído e apoiado apenas pelos dois partidos incontestavelmente mais poderosos do país é, na prática, inviável, pois em qualquer momento pode ter que demitir-se perante uma derrota na Câmara dos Deputados.

O que, antes das eleições, ia aguentando o Governo era o apoio, em momento de emergência, dos 47 deputados liberais. Mas o Partido Liberal foi a grande vítima das eleições de 7 de Novembro e não mobiliza agora mais do que 34 deputados — ou seja (número fatídico) menos treze.

Em compensação, o que perdeu o velho partido liberal, ganharam-no por um lado o partido Nacionalista Flamengo ou Vol sunie e pelo outro a F. D. F. ou Frente Democrática Francófona. Isto é: os dois partidos extremistas naquela questão que mais apaixonada e mais profundamente divide os belgas — a questão linguística.

São, no entanto, dois pequenos partidos, mas são o suficiente para imobilizar to-

da a máquina democrática.

As eleições legislativas deveriam realizar-se na primavera ou no verão de 1972. Anteciparam-as o Governo de coligação depois de haver apresentado um vasto programa de iniciativas nos planos social, económico e financeiro. E foi ao Chefe desse Governo, o sr. Gaston Eyskens, que em 24 de Novembro o Rei Balduino confiou, naturalmente, o encargo de constituir o novo Governo. O sr. Eyskens viu-se, todavia, ontem, depois de um mês de esforços para conseguir algo de viável obrigado a ter que desistir do encargo, e o Rei chamou, então, o sr. Edmond Leburton, que é o líder socialista.

Entretanto, na Itália, outra democracia, sucediam-se a um ritmo-record os escrutínios para a eleição do Presidente da República. O de hoje foi o vigésimo-segundo e o de ontem fez-se com a iluminação reduzida, à «média luz», sábia medida tomada para que fotógrafos e operadores da Televisão e do Cinema não pudessem captar, em imagens, as cenas violentas entre parlamentares das direitas e parlamentares das esquerdas, espectáculo que no entanto os eleitores decerto apreciariam... ou talvez não.

Promoção dos emigrantes portugueses na região de Nancy

Na Câmara Municipal de Vancoeuvre (Nancy) reuniram-se os portugueses ligados à «Associação de Amizade Franco-Portuguesa» com o fim de discutirem e aprovarem uma série de assuntos relativos à melhoria de condições para os emigrantes. Ficou assim estabelecido que sejam levados a efeito cursos de alfabetização em português e francês e se ponham a funcionar trinta centros de acolhimento para portugueses recém-chegados, centros esses que terão capacidade para cem famílias.

Este projecto, de há muito no pensamento dos dirigentes da Associação, esteve sem possibilidades de efectivação devido a dificuldades económicas, só sendo possível dar-lhe agora início em virtude de auxílio prestado pela Câmara Municipal de Vandoeuvre.

No âmbito destas realizações vão ser, ainda, impressos folhetos explicativos em português, das facilidades que a Associação pode pôr ao serviço dos imigrantes, para serem distribuídos pelos funcionários dos Caminhos de Ferro franceses e pelos motoristas de taxi aos recém-chegados, o que evitará os problemas usuais a quem chega em terra desconhecida.

É PROIBIDO O MAU HUMOR

o arsenal que transporta no seu carro:

— «Arsenal, sim, mas de paz e bom entendimento. Tenho de tudo um pouco; a água geladinha para quem tem sede, cafèzinho, medicamentos de urgência, caixas de agulhas, linhas, botões, guardanapos de papel, tesouras e até material para arranjo de unhas.»

Criticado por colegas que dizem estar o Carlos Loureiro deste modo a «fazer-se» à gorgeta, aquele defende-se afirmando:

— «O carro está no meu nome, mas o cliente é o seu dono. Dele é que sustento a minha família. Se eu tratar bem o cliente, tenho a certeza de que a minha gente não vai passar dificuldades. A tristeza não embarca no TA 2173. Enquanto puder, só darei alegria e facilidades aos que me dão a preferência. Além de que não viso a gorgeta. Se pensei fazer isto, foi com o fito exclusivo de ser um profissional, útil a quem se serve dos meus préstimos. Gosto mais de dar que de receber.»

O «taxi» do Carlos Loureiro, que tem, ainda, jornais e revistas actualizados para distração dos seus clientes, ostenta, como requinte uma frase a que poucos resistem: «Aqui é proibido o mau humor. Vamos, sorria.»

Adeus Mãe



Aquelas lágrimas de dor... sentia-me angustiado. Aquele rosto modificado fazia-me sofrer. Ere a despedida... Tinha que ser... tinha que partir para a Pátria defender. Adeus Mãe, eu voltarei daqui a dois anos. As lágrimas caíam no chão solto cheio de pó como um coração despedaçado. Sim, eu sentia o seu amor!... Meu amor, vai e volta, com Deus. Era isso que minha Mãe desejava. Adeus Mãe.. eu voltarei dentro em breve.

Adão Gomes Vieira Besteiros

Caixa de Crédito Agrícola Mútuo de Amares

AVISO

Como determinam os Estatutos, a Caixa de Crédito Agrícola Mútuo de Amares convoca a Assembleia Geral ordinária para o dia 14 do próximo mês de Janeiro, pelas 14 horas, na sua Sede, no largo Dr. Oliveira Slazar desta Vila, sendo a ordem do dia:

- 1.º — Discutir e votar o Balanço, as conclusões do Relatório da Direcção e o parecer do Concelho Fiscal.
- 2.º — Julgar os Actos da Administração.
- 3.º — Fixar ordenados.
- 4.º — Elegar todos os Corpos Gerentes.

Não se reunindo a maioria dos sócios para realização da referida Assembleia, fica esta adiada para igual hora do dia 29 do mesmo mês, procedendo-se então válidamente com qualquer número de sócios presentes ou representados.

A escrituração e os documentos relativos às operações sociais estão patentes ao exame dos sócios.

Amares, 15 de Dezembro de 1971
O Presidente da Assembleia Geral,
Narciso José Gonçalves

ANEDOTAS

— Porque tens cabelos brancos e cabelos pretos, mamã?

— Os brancos nasceram dos desgostos que tu me dás, porque és muito mau.

— Nesse caso, ainda és pior que eu.

— Porquê?

— Porque a avôzinha tem a cabeça toda branca.

* * *

Ao jantar de certa senhora:

— Sua estúpida! Entornas-te a sopa toda por cima do meu vestido novo!

— Não se zangue minha senhora, porque ainda lá tenho mais sopa.

* * *

— Qual foi o motivo por que Adão e Eva foram expulsos do paraíso?

O aluno:

— Por não pagarem renda.

Telefone dos Serviços dos Bombeiros V. Amares 62162